



REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *
EDITOR—JOAQUIM CARDOSO

Federação e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
End. teleg. Tathabo—Lisboa. • Telefone:
Oficinas de impressão : Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUEREM ASSASSINAR-NOS ?

Quando o povo reclama pão—dá-se-lhes coronhadas e tiros!

A noite passada quando, no cumprimento da missão sagrada que nos foi cometida pela organização operária portuguesa, estávamos fazendo A BATALHA, foi o edifício onde estão instaladas a Confederação Geral do Trabalho, este jornal e muitas associações operárias, assaltado por bando de feras fardados, que, sem qualquer motivo que ao de leve justificasse uma violência, aos tiros e à coronhada, invadiram esta casa, parece que no intuito de evitar uma reunião magna do operariado da construção civil, reunião que já havia terminado.

É com medidas de tamanha violência que os governantes e os seus delegados pensam fazer face à situação? É de semelhante forma que supõem evitar as justas reclamações dos que tem fome?

Mas — ouvi, ó governantes desmiolados! — com tais brutalidades só conseguis afundar-vos e, convosco, afunda-se a sociedade que pretendes defender.

Mais violências

NOTAS & COMENTARIOS

CARTA DE ITÁLIA

Excursão de propaganda de Malatesta, suas peripécias — Leis abolidas de facto

ANCONA, 16

As manifestações que acompanharam Malatesta, na excursão que realizou através da Itália, setentrional e central, têm uma significação que passa além da personalidade do nosso camarada.

Observando-as, seguindo-as no seu entusiasmo, seguindo-as no seu entusiasmo sempre crescente, temos todos — tantos inimigos como amigos e camaradas — a aprender nelas qualquer coisa.

Uma vez, tentamos compreendido antes de tudo — por mais revolucionários que possamos ser — que o espírito das massas excede bastante toda a nossa expectativa ou desejo. Embora, na verdade, estas ainda se encontrem muito

inconscientes e incapazes dum movimento de carácter geral, no entanto o facto é que existe o perigo de levantamentos bruscos e imprevisíveis, mas ou

menos localizados, que poderão ser magnificamente aproveitados, se os revolucionários conscientes do que desejam, não estiverem com as mãos nas algibeiras à espera que lhes caia na boca o maná vindio da céu.

Mais uma vez, tivemos a impressão de atraímos-nos uma época revolucionária. Os estúpidos e malvados jornalistas burgueses tem procurado atraírem a Malatesta toda esta excitação de ânimos, uma hora que ele não recusaria certamente, se não fosse precisamente o contrário. Malatesta nos seus comícios, deu simplesmente lugar a que o estado de espírito das massas se pudesse manifestar. O seu nome — porque a burguesia o circundou dum tradicion de terrorismo — sintetiza para a revolução. Os jornais tinham dito: Toma cuidado! Olha que Malatesta quer a revolução; deitar o mundo abaixo; destruir todas as coisas sagradas; abrir as portas dos cárceres e quemá-los, fazer a guerra civil, etc.

Mais uma vez, quererem saber porque e para que quere Malatesta tudo isto, responderam, acorrendo entusiasmaticamente aos teatros, às praças e às ruas:

“Ah, sim! Malatesta quer tudo isto! Pois é precisamente o que nós queremos também! Viva então Malatesta!”

Eis aqui a situação presente!

* * *

Vale a pena também falar das peripécias da excursão de Malatesta, porque revelam não só a violenta vontade que tem as massas de se movimentarem, mas também a estreita mentalidade das classes dirigentes.

Havia, há e... não há, alguns mandados de captura contra Henrique Malatesta, pelos discursos pronunciados por ele em várias cidades da Itália.

Apenas desbarcaram, os agentes de polícia puseram-se logo atrás dele, de caderno e lápis na mão, a registrar frases, mas mais vezes a inventá-las ou então a coparem as tendências narrativas dos jornais burgueses, tudo com o fim de se aproveitarem das suas palavras para o denunciar. Havia e há grande interesse em encarcerar Malatesta ou então obrigar a voltar para o estrangeiro.

As massas, sem quererem saber porque e para que quere Malatesta tudo isto, responderam, acorrendo entusiasmaticamente aos teatros, às praças e às ruas:

“Ah, sim! Malatesta quer tudo isto! Pois é precisamente o que nós queremos também! Viva então Malatesta!”

Eis aqui a situação presente!

* * *

Vale a pena também falar das peripécias da excursão de Malatesta, porque revelam não só a violenta vontade que tem as massas de se movimentarem, mas também a estreita mentalidade das classes dirigentes.

Havia, há e... não há, alguns mandados de captura contra Henrique Malatesta, pelos discursos pronunciados por ele em várias cidades da Itália.

Apenas desbarcaram, os agentes de polícia puseram-se logo atrás dele, de caderno e lápis na mão, a registrar frases, mas mais vezes a inventá-las ou então a coparem as tendências narrativas dos jornais burgueses, tudo com o fim de se aproveitarem das suas palavras para o denunciar. Havia e há grande interesse em encarcerar Malatesta ou então obrigar a voltar para o estrangeiro.

A retórica de Malatesta é diferente da de todos os outros, mas essa diversidade não consiste numa maior violência de linguagem; até, pelo contrário, ele faz menos uso de palavras grossas de que qualquer outro. Já vários jornais burgueses se tem mostrado desiludidos com a maneira calma como ele fala. Provavelmente esperavam que lhes saisse da boca só bombas e metralhadoras. Mas fiquem todos certos que não tem feito discursos de educandas ou seminárias, e que o tema em volta do qual se tem alongado mais tem sido sóbre a revolução. É este, porém, o tema — de há um ano para cá — dos todos os nossos oradores subversivos, que se repetem. Tanto os nossos camaradas, como os oradores socialistas tem dito aquilo de que se acusa Malatesta, ainda com palavras mais violentas, em todas as conferências ou comícios públicos; e se exceptuarmos o caso de Faggi, em Placência, ninguém se moveu ou comoveu por tudo isto. Seria mesmo então preciso meter na prisão nada menos do que meia Itália!

As forças de cavalaria que guardavam o Terreiro do Paço retiraram por ordem do presidente do

ministério

Mal se desenha um movimento em que as classes me-

nos abastadas reclamam um pouco de pão, logo as prisões se enchem de re-

clamantes. É uma violência a que já

estamos habituados e prova ela que

bastante razão nos assiste nas reclama-

cões.

Se o pão das prisões não fosse pior

do que o que cá fora compramos por

pedimos. Quando, ainda há pouco, se au-

mentaram os vencimentos de deputados,

senadores e ministros, não se pon-

derou essa circunstância.

Mal se desenha um movi-

mento em que as classes me-

nos abastadas reclamam um pouco de pão, logo as prisões se enchem de re-

clamantes. É uma violência a que já

estamos habituados e prova ela que

bastante razão nos assiste nas reclama-

cões.

Se o pão das prisões não fosse pior

do que o que cá fora compramos por

pedimos. Quando, ainda há pouco, se au-

mentaram os vencimentos de deputados,

senadores e ministros, não se pon-

derou essa circunstância.

Mal se desenha um movi-

mento em que as classes me-

nos abastadas reclamam um pouco de pão, logo as prisões se enchem de re-

clamantes. É uma violência a que já

estamos habituados e prova ela que

bastante razão nos assiste nas reclama-

cões.

Se o pão das prisões não fosse pior

do que o que cá fora compramos por

pedimos. Quando, ainda há pouco, se au-

mentaram os vencimentos de deputados,

senadores e ministros, não se pon-

derou essa circunstância.

Mal se desenha um movi-

mento em que as classes me-

nos abastadas reclamam um pouco de pão, logo as prisões se enchem de re-

clamantes. É uma violência a que já

estamos habituados e prova ela que

bastante razão nos assiste nas reclama-

cões.

Se o pão das prisões não fosse pior

do que o que cá fora compramos por

pedimos. Quando, ainda há pouco, se au-

mentaram os vencimentos de deputados,

senadores e ministros, não se pon-

derou essa circunstância.

Mal se desenha um movi-

mento em que as classes me-

nos abastadas reclamam um pouco de pão, logo as prisões se enchem de re-

clamantes. É uma violência a que já

estamos habituados e prova ela que

bastante razão nos assiste nas reclama-

cões.

Se o pão das prisões não fosse pior

do que o que cá fora compramos por

pedimos. Quando, ainda há pouco, se au-

mentaram os vencimentos de deputados,

senadores e ministros, não se pon-

derou essa circunstância.

Mal se desenha um movi-

mento em que as classes me-

nos abastadas reclamam um pouco de pão, logo as prisões se enchem de re-

clamantes. É uma violência a que já

estamos habituados e prova ela que

bastante razão nos assiste nas reclama-

cões.

Se o pão das prisões não fosse pior

do que o que cá fora compramos por

pedimos. Quando, ainda há pouco, se au-

mentaram os vencimentos de deputados,

senadores e ministros, não se pon-

derou essa circunstância.

Mal se desenha um movi-

mento em que as classes me-

nos abastadas reclamam um pouco de pão, logo as prisões se enchem de re-

clamantes. É uma violência a que já

estamos habituados e prova ela que

bastante razão nos assiste nas reclama-

cões.

Se o pão das prisões não fosse pior

do que o que cá fora compramos por

pedimos. Quando, ainda há pouco, se au-

mentaram os vencimentos de deputados,

senadores e ministros, não se pon-

derou essa circunstância.

Mal se desenha um movi-

mento em que as classes me-

nos abastadas reclamam um pouco de pão, logo as prisões se enchem de re-

clamantes. É uma violência a que já

estamos habituados e prova ela que

bastante razão nos assiste nas reclama-

cões.

Se o pão das prisões não fosse pior

do que o que cá fora compramos por

pedimos. Quando, ainda há pouco, se au-

mentaram os vencimentos de deputados,

